



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**ERIBERTO COUTO DA SILVA**

**A HORA DA ESTRELA: ASPECTOS IDENTITÁRIOS  
DA PERSONAGEM MACABÉA**

**GUARABIRA-PB  
2018**

**ERIBERTO COUTO DA SILVA**

**A HORA DA ESTRELA: ASPECTOS IDENTITÁRIOS  
DA PERSONAGEM MACABÉA**

Trabalho de conclusão de Curso,  
apresentado ao Curso de Graduação em  
Letras à Universidade Estadual da Paraíba  
para obtenção do título de Licenciatura em  
Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ivonildes da Silva  
Fonseca

**GUARABIRA-PB  
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586h Silva, Eriberto Couto da.  
A hora da estrela: [manuscrito] : aspectos identitários da personagem Macabéa / Eriberto Couto da Silva. - 2018.  
25 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades . 2018.  
\*Orientação : Profa. Dra. Ivonildes da Silva Fonseca , Coordenação do Curso de Letras - CH.\*  
1. Migração. 2. Identidade. 3. Linguagem. 4. Interação. 5. Desigualdade social. I. Título

21. ed. CDD 303

ERIBERTO COUTO DA SILVA

A HORA DA ESTRELA: ASPECTOS IDENTITÁRIOS  
DA PERSONAGEM MACABÉA

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de  
Curso à Universidade Estadual Da Paraíba para  
obtenção do Título de Licenciatura em Letras.

Aprovado em: 28/11/2018

BANCA EXAMINADORA

Ivonildes da Silva Fonseca

Prof.ª Dra. Ivonildes da Silva Fonseca (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Waldecir Ferreira Chagas

Prof. Dr. Waldecir Ferreira Chagas  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Verônica Pessoa da Silva

Profa. Dra. Verônica Pessoa da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, pela dedicação, companheirismo e amizade, DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, a Deus pela saúde e coragem que me faz enfrentar os desafios do dia-a-dia.

Aos meus pais Humberto Couto e Edivanir Agostinho, aos meus irmãos Edivanísio Couto, Erivaldo Couto, Edson Couto, Edna Couto e Edilma Couto, e em especial à minha esposa Geiziane Rodrigues por sempre se fazerem presentes em minha vida.

À professora Orientadora Ivonildes da Silva Fonseca pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pela paciência e dedicação.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

“Identidade é movimento, é desenvolvimento do concreto... é metamorfose.”

A.C. Ciampa

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>2</b>	<b>IDENTIDADE CULTURAL, MIGRAÇÃO E GLOBALIZAÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1</b>	<b>A PERSONAGEM MACABÉA.....</b>	<b>14</b>
<b>2.2</b>	<b>LINGUAGEM E ASSUNÇÃO DE IDENTIDADES .....</b>	<b>16</b>
2.2.1	Linguagem.....	16
2.2.2	Região.....	18
2.2.3	Gênero.....	20
2.2.4	Estética.....	21
2.2.5	Profissão.....	22
<b>3</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>22</b>
	<b>REFERÊNCIA.....</b>	<b>24</b>



## A HORA DA ESTRELA: ASPECTOS IDENTITÁRIOS DA PERSONAGEM MACABÉA

### RESUMO

Este artigo apresenta uma análise relativa às identidades socioculturais na pós-modernidade, mas especificamente as do migrante nordestino presente na obra *"A hora da estrela"* de Clarice Lispector, publicado em 1977. Em função disso, faremos uma leitura das relações sociais estabelecidas pela personagem principal. Para tanto, levamos em conta os fenômenos de migração, globalização, conceitos de identidade e linguagem. Nosso objetivo é analisar como são apresentadas as identidades socioculturais da personagem Macabéa na obra *"A hora da estrela"*, de Clarice Lispector, levando em consideração o domínio da linguagem como assunção de identidades antes "invisíveis" socialmente. Este trabalho é, pois, um estudo de natureza analítico-interpretativo da obra literária cuja pesquisa é de caráter bibliográfica; nela constam estudos teóricos dos principais autores como: Hall (1999), Santos (1994), Bakhtin (2006), Lopes (2003) dentre outros que contribuíram para fundamentar este trabalho. Constatamos, portanto, que o domínio da linguagem é importante para a assunção de identidades que estavam "invisíveis" socialmente.

**Palavras-chave:** Migração. Identidade. Linguagem. Interação. Desigualdade Social.

### 1 Introdução

Este trabalho parte do princípio de que as identidades socioculturais são elementos imprescindíveis à vida humana, uma vez que, por meio delas, os indivíduos são reconhecidos, não apenas por apresentarem valores e princípios éticos, morais e religiosos, mas também por desempenharem funções sociais, sejam elas individuais ou coletivas.

O sujeito pós-moderno, definido por Hall (2006), é um ser fragmentado; que não pode ser considerado homogêneo, devido principalmente ao mesmo viver numa época em que as identidades são formadas e transformadas continuamente por meio das influências gerado pelo contato cultural. Os estudos culturais de Stuart Hall (2006), afirmam que as identidades não são fixas e

imutáveis e que, através do tempo, novas identidades surgem em detrimento de outras.

Assim, este estudo se atentará à leitura das relações sociais estabelecidas pelo migrante nordestino na cidade grande por meio da análise da obra *“A hora da estrela”* de Clarice Lispector, especificamente, a personagem Macabéa, de modo que, na pós-modernidade, seja evidenciado que não há uma identidade fixa, essencial e permanente, e que os fenômenos da migração e da globalização contribuíram para as mudanças de identidade cultural da sociedade tradicional.

Nosso objetivo é analisar como são apresentadas as identidades socioculturais da personagem Macabéa da obra *“A hora da estrela”*, de Clarice Lispector, levando em consideração o domínio da linguagem como assunção de identidades antes “invisíveis” socialmente. Desta maneira, verificar que este estudo é relevante para refletir sobre questões sociais que abordem a linguagem como instrumento de assunção de identidades antes “invisíveis” socialmente. Nesse sentido, este trabalho se justifica porque entendo ser importante debater temas voltados para linguagem e identidades, pois isso nos leva a uma melhor compreensão da realidade, tendo em vista que tal compreensão facilita a resolução de conflitos sociais como desigualdade e exclusão.

A opção feita pela obra *“A hora da estrela”* se dá pelo fato da mesma apresentar como tema questões sociais referentes à linguagem e às identidades socioculturais do migrante nordestino. Considero, pois, esta temática importante como forma de melhor compreender a realidade social daqueles que, na maioria das vezes, são obrigados a migrarem de suas terras e acabam por encontrar um cenário desfavorável, tornando-se seres “invisíveis” aos olhos da sociedade.

Este trabalho é, pois, um estudo de natureza analítico-interpretativo da obra literária cuja pesquisa é de caráter bibliográfica; nela constam estudos teóricos dos principais autores como: Hall (1999), Santos (1994), Bakhtin (2006), Lopes (2003) dentre outros que contribuíram para fundamentar este trabalho. Constatamos, portanto, que o domínio da linguagem é importante para a assunção de identidades que estavam “invisíveis” socialmente.

## 2 IDENTIDADE CULTURAL, MIGRAÇÃO E GLOBALIZAÇÃO.

Entendemos, sem fazer uma análise mais aprofundada dos problemas que envolvem as questões culturais, que identidade é um conjunto de características individuais de cada sujeito. O dicionário de Holanda (2009) define identidade;

1. Qualidade do idêntico. [...] 2. Conjuntos dos caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo, defeitos físicos, impressões digitais, etc. 3. O aspecto coletivo de um conjunto de características pelas quais algo é definitivamente reconhecível, ou reconhecido [...].

Numa perspectiva sociológica, a identidade é a maneira como reconhecemos as pessoas, através dos princípios éticos, morais, religiosos entre outros, tornando-se, desta maneira, um sujeito ligado a determinados grupos sociais. Hall (2006), fala que “nossas identidades surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”. Assim, a compreensão do termo “identidade cultural” surge de nosso pertencimento às variadas culturas que permeiam a sociedade a qual estamos inseridos.

Nesse sentido, nas palavras de Stuart Hall, “As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história” (HALL, 1996, p. 70). São, portanto, particularidades ou especificidades, de um indivíduo ou de um grupo, que lhe faz sentir pertencente à determinada cultura.

Por outro lado, só podemos falar de identidade porque existe a diferença. Ou seja, se há indivíduos que estão inseridos num certo universo cultural, outros, não. A identidade, segundo Hall (2011), se constrói por meio da diferença e não fora dela. Assim, só posso me assumir como nordestino porque há pessoas que não são. Portanto, o conceito de identidade está estreitamente ligado a diferença; o pertencimento ao não-pertencimento.

Por ser a sociedade humana um organismo que não é estático sempre passa por processos de transformações e nesses movimentos de mudanças

sociais os conceitos também mudam. Dessa forma, o conceito de identidade também passou por significativas mudanças. Nesse sentido, Stuart Hall explica, em seus estudos culturais, três tipos de concepção de identidade do sujeito iluminista, do sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno.

Segundo Hall (2006), o sujeito do iluminismo era um ser que adquiria a identidade desde o nascimento e permanecia inalterada até sua morte. Assim, este sujeito era caracterizado por ter uma identidade fixa, em que o indivíduo era masculino e possuía a imagem de um ser individualista, na qual desconsiderava as influências exteriores ao indivíduo.

O Iluminismo, como se sabe, foi um movimento intelectual que surgiu no século XVIII, na França, responsável pelo crescente desenvolvimento do capitalismo e de ascensão da burguesia; um período de busca por conhecimento e valorização da racionalidade humana.

Como consequência da Revolução Industrial e dos novos meios de produção, houve alteração nas formas de relação socioeconômicas, refletindo na concentração da riqueza e dominação burguesa em detrimento da classe proletária. Os trabalhadores, por exemplo, estavam expostos às condições mais adversas de trabalho, viviam em condições sub-humanas e eram tratados como animais.

É neste cenário em que Hall (2006) fala do surgimento do sujeito sociológico como um indivíduo no qual não pode ser compreendido isoladamente, mas em interação com o outro, dotado de capacidades de relacionar-se em sociedade. Este sujeito ainda guarda sua essência interior, porém a sua identidade é formada a partir de diálogos com outros indivíduos e com outros mundos culturais. Segundo Hall (2006),

O sujeito sociológico ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem. (HALL, 2006, p. 11)

O choque de culturas, causado pela globalização, fez surgir o sujeito pós-moderno. Segundo Hall (2006), este indivíduo não tem uma identidade fixa,

essencial ou permanente, ou seja, ele não tem uma identidade que permanece durante toda a vida. Pelo contrário, este sujeito tem acesso a um acervo de identidades da qual ele faz uso a depender do contexto a que está inserido.

O sujeito pós-moderno, conceptualizado não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (HALL, 2006, p.12,13).

O processo de globalização também motivou o crescente aumento das migrações, principalmente, dentro do mesmo território – migrações internas. Isso facilitou o contato das diferentes culturas, moldando os processos de identidade na contemporaneidade. Para Araújo (2009, p.42), "a migração é um conceito da geografia, designando, como se sabe, o movimento de populações que, levando consigo uma cultura e uma história, vão construir outras culturas e histórias na interface com as da sociedade que as acolherá [...]".

Esse fenômeno sempre foi um importante componente gerador do choque das mais diversas culturas, uma vez que o indivíduo, ao se retirar do espaço geográfico de origem, carregava consigo todas as marcas culturais daquele lugar.

Ao contrário das migrações da época do descobrimento do Brasil, os fluxos migratórios atuais buscam melhores condições de vida no mundo já desenvolvido. As grandes cidades são centros receptadores de emigrantes que, em sua grande maioria, são pessoas fugindo da seca, da fome e das condições mais adversas a que o capitalismo os submeteu.

O motivo não é o mais importante, a verdade é que o espalhamento de pessoas tem provocado transformações na sociedade e, claro, nas identidades culturais. Essas mudanças acabam por afetar a todos, não somente os que migram. Por isso, há certa dificuldade em distinguir quais as fronteiras que de fato nos representam, pois tudo que está em nossa volta tem papel muito importante na construção de quem somos.

Entretanto, o choque das diversas culturas tem provocado sérios danos às relações sociais. Isso pode ser visto com mais nitidez, por exemplo, no

colonialismo ou no escravagismo entre outros momentos em que é possível enxergar uma cultura sobreposta a outra, numa relação de dominação/subordinação.

Se a globalização contribui para o processo migratório, rompe as barreiras nacionais, liga comunidades, determina as combinações espaço-tempo, isso quer dizer que este contato cultural cria uma sensação de se estar num mundo menor, onde as distâncias estão mais curtas e o tempo passa mais depressa.

A partir da intersecção cultural, decorrente da migração, o indivíduo passa por um processo de reconstrução, estabelecendo, dessa forma, um novo conceito para o sujeito, um ser passível de uma variedade de identidades, o qual Stuart Hall o denomina de “sujeito pós-moderno”.

## **2.1 A personagem Macabéa**

A protagonista de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, sofre as consequências pelo fato de ser pobre, iletrada e, principalmente, sofre com o preconceito e com a discriminação pelo fato de ser mulher e oriunda da região Nordeste do país.

Sua história confunde-se com a de milhares de nordestinos que migram para outras regiões do país, principalmente à região Sudeste, fugindo da fome, da sede e de outras intempéries do sertão que caracterizam a luta pela sobrevivência. Entretanto, há um entendimento que a migração nordestina é algo natural, todavia, as questões econômica e social são as que de fato determinam a retirada deste povo do seu lugar.

Importante destacar que *A hora da estrela* foi publicada num cenário político brasileiro que tinha como “pano de fundo” o autoritarismo do regime militar, o qual foi iniciado no ano de 1964, o que fez com que o tema tenha sido abordado de maneira sutil, revelando a interiorização da condição de oprimido e a reprodução da condição de opressor no plano das relações pessoais.

Com relação ao aspecto histórico-social, a retirante Macabéa tem como destino a cidade do Rio de Janeiro, nos anos finais da década de 70, do século

XX, momento em que as migrações internas dessa época eram intensas e tinham ganhado grande expressividade em anos anteriores. Segundo Patarra (2004),

Os movimentos migratórios no Brasil, como se sabe, assumiram uma grande magnitude e expressão a partir dos anos 1950 do século passado, num processo concomitante com a intensa urbanização do período e um acirramento das desigualdades regionais. Os intensos fluxos de população estiveram interligados à concentração da atividade econômica, aliada à produção de um excedente populacional no campo e a própria incapacidade das áreas urbanas das regiões mais atrasadas em absorver essa população. (PATARRA, 2004, p. 50)

Esse fluxo migratório, que tinha como principal objetivo melhorar as condições de vida, ocasiona algumas complicações. Dentre elas, e de imediato, a negação e exclusão da própria identidade devido à realidade dos grandes centros, que era diferente do território em que viviam. Não devemos esquecer também que a expulsão do lugar de residência, o desenraizamento cultural e religioso, a exclusão social, a rejeição e a dificuldade de fixação no lugar de chegada são aspectos negativos da migração. Esses fatos, os quais são apresentados nos dramas do migrante nordestino, são tratados nitidamente na obra de Lispector.

Um aspecto a ser enfatizado é o fato é que a migração está ligada a perda de identidade e desenraizamento – sensação de estar no lugar errado, de não pertencer a nenhum grupo, de estar solto no espaço. Por este motivo, a migração pode ser considerada uma violência contra o próprio retirante, pois o mesmo encontra-se na condição de vítima, visto que o ato de migrar-se não é resultado de sua escolha ou mesmo uma decisão que lhe cabe, mas se dá por forças de imposições externas.

Os motivos pelos os quais levam o nordestino a sair de sua terra é bem relevante para o estudo dos processos migratórios, tais como: busca de trabalho, melhoria na qualificação, estudo, acompanhamento da família e etc. Juntamente com essas motivações, há estudos que analisam, além do mercado de trabalho, o caráter dos movimentos migratórios, onde o homem ocupa lugar de agente



ativo, enquanto a mulher figura como coadjuvante, que tem o papel apenas de acompanhar o marido, sendo passiva a todo processo.

Mesmo assim, percebe-se, na contemporaneidade, uma mudança no comportamento feminino, refletindo em sua ascensão no mercado de trabalho e os novos papéis sociais que lhe compete. Neste contexto, a mulher não é mais um ser somente que observa, mas crer que pode ser protagonista de sua história. É um momento de empoderamento feminino.

As identidades que a mulher vai assumindo estão relacionadas ao reconhecimento do ser, da sua denominação, da sua semelhança com outros seres da mesma cultura, religião ou etnia e também pode levar em consideração as diferenças baseadas nas características de gênero, idade, preferência da vestimenta, vocabulário e jeito de falar.

## **2.2 A linguagem como assunção de identidades**

Como discutido neste trabalho, vivemos um período, segundo Hall (1999), de crise de identidade. O sujeito tradicional dotado de consciência e razão foi dando lugar, no decorrer do tempo, a uma nova concepção de sujeito, denominado de pós-moderno, nos estudos culturais de Stuart Hall (1999). Esse novo sujeito é caracterizado por não ter uma identidade fixa, essencial e permanente.

### **2.2.1 Linguagem**

Todo esse processo de transformação sociocultural só se explica em virtude da linguagem, que é o meio pelo qual se viabiliza a interação dos indivíduos em sociedade. Assim, compreendo que é por meio da linguagem que as identidades são construídas ou reveladas, pois como diz Bakhtin (2006, p. 261), “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”. Portanto, além de ser um instrumento pelo qual se realiza a interação, a linguagem também nos constitui como sujeitos sociais. Nesse sentido Moita Lopes afirma que:



A temática das identidades surge em meio a uma concepção de linguagem como discurso, ou seja, uma concepção que coloca como central o fato de que todo uso da linguagem envolve ação humana em relação a alguém em um contexto interacional específico (MOITA LOPES, 2003, p. 19).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, que abrange a área de língua portuguesa, definem a linguagem como;

Uma forma de ação interindividual orientada por uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos da sua história. Dessa forma, se produz linguagem tanto numa conversa de bar, entre amigos, quanto ao escrever uma lista de compras, ou ao redigir uma carta — diferentes práticas sociais das quais se pode participar (BRASIL, 1997, p. 22).

Ter domínio da linguagem é, pois, uma das principais formas de inserção social, sobretudo, numa sociedade capitalista extremamente excludente, onde cada vez mais é necessária a aquisição de múltiplas competências. Nesse contexto, portanto, ela é um instrumento fundamental na relação interpessoal. Não ter domínio dela implica uma barreira que impede a construção de novas identidades. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais,

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento (BRASIL, 1997, p. 21)

De acordo com Stuart Hall:

A identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem o núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem (HALL, 2003, p.11).

Neste sentido, as identidades são construídas e reveladas por meio da interação e mediada pelas práticas linguísticas, sociais e culturais. Pelo fato de serem construídas socialmente, são consideradas transitórias, pois podem ser transformadas e moldadas pelas relações de poder como também pela percepção do sujeito diante do contexto sociocultural no qual está inserido. Assim, entendemos que é por meio da linguagem que as identidades são assumidas e reveladas, de modo que o sujeito seja reconhecido em seu espaço social.

### 2.2.2 Região

Em “*A hora da estrela*”, reconhecemos a personagem principal através do olhar do narrador-personagem Rodrigo S.M. que revela gradualmente as identidades da protagonista. Ele relata:

É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma **moça nordestina**. Sem falar que eu em menino me criei no nordeste. Também sei das coisas por está vivendo. Quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe. (LISPECTOR, 1998, p.12).

O narrador nos revela as primeiras identidades da personagem em questão que, segundo ele, encontra-se com um “sentimento de perdição no rosto”, fruto naturalmente do processo migratório, que não se trata apenas de um deslocamento geográfico, é também, e antes de tudo, um deslocamento sociocultural, uma vez que o migrante carrega consigo suas marcas identitárias, que muitas vezes não são reconhecidas em outro espaço social. A “moça nordestina”, portanto, encontra-se deslocada e desenraizada culturalmente e essas identidades não são suficientes para que a mesma tenha sua presença percebida.

Os problemas que envolvem as consequências da migração são bem explorados na obra de Lispector. O narrador expõe a situação dos nordestinos na cidade grande, um espaço todo feito contra eles. Assim, ele fala que Macabéa representa milhares de moças nordestinas que migram para outra região do país – migração interna – em busca de melhores condições de vida, mas que

encontram grandes adversidades para sobreviver numa cidade toda feita contra ela.

Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas pelos cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e tanto existiriam como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem (LISPECTOR, 1995, p. 28).

O fato de pertencer à região nordeste e de, portanto, possuir tal identidade não faz de Macabéa um sujeito visível/notado pela sociedade na qual se encontra. Pelo contrario, sua identidade nordestina contribui para sua invisibilidade, pelo fato dessa região ter uma imagem estigmatizada para o resto do país; por ser vista como um lugar pobre, cujas pessoas são carentes de ajuda devido as “infindáveis” secas.

Neste contexto, Macabéa tem dificuldade para interagir com outros personagens. As companheiras de quarta eram as poucas pessoas com quem a mesma mantinha contato. Numa das passagens da narrativa, é bem evidente o problema de comunicação em Macabéa. Ao consultar o médico, ela não consegue compreender e também é mal compreendida pelo médico.

- você está com começo de tuberculose pulmonar.  
Ela não sabia se isso era coisa boa ou coisa ruim. Bem, como era uma pessoa muito educada, disse:  
- muito obrigada, sim? (LISPECTOR, 1999, p. 82).

Como podemos ver, a retirante nordestina tem muita dificuldade para interagir, principalmente com personagens que possuem identidades socioculturais diferentes da sua. Assim, ela vive a solidão; gosta de estar sozinha. Os momentos de intensa interação ocorrem quando, frequentemente, a nordestina escuta a Rádio Relógio. Para Souza (2011, p. 88), “Macabéa, diante de suas escassas possibilidades de socialização, a partir de sua intensa interação com o rádio, nos leva a refletir sobre a relação que o indivíduo pós-moderno estabelece com a mídia”.

Assim, Macabéa tem a sensação de não pertencer a nenhum grupo, pois está separada de suas raízes, sem a presença do carinho familiar e vivendo no

Rio de Janeiro, cidade totalmente estranha para ela. Por isso, a moça vive na solidão, tem problemas de adaptação e dificuldades de encontrar seu espaço.

A migrante faz parte do grupo de pessoas que vive em situação diaspórica, exilado de seu território. No entanto, ela não pertence a este grupo minoritário, pois o que vivencia atinge apenas a si própria. Por isso, a retirante permanece só, tendo como ligação com o mundo somente o namorado Olímpico de Jesus e sua amiga Glória.

### 2.2.3 *Gênero*

Inicialmente, Macabéa não se enxergava como mulher – identidade de gênero; não sentia os desejos que são considerados naturais a uma moça virgem, “pois até mesmo o fato de vir a ser uma mulher não parecia pertencer a sua vocação” (LISPECTOR, 1998, p.28). Isso se deve, em grande parte, a privação social na sua infância, imposta por sua tia, que temia que a “menina viesse um dia a ser uma dessas moças que em Maceió ficavam nas ruas de cigarro aceso esperando homem. A mulherice só lhe nasceria tarde porque até no capim vagabundo há desejo de sol” (LISPECTOR, 1998, p.28).

A expressão mostrando que [...]“até no capim vagabundo há desejo de sol” corrobora com a ideia de que há identidades não assumidas e que passam despercebidas e são desvalorizadas pela sociedade, contribuindo, desta maneira, para a invisibilidade social de um sujeito até que “o sol “ necessário apareça. Macabéa está inserida neste contexto, pois carrega as marcas identitárias que explicam sua exclusão social.

Ser mulher numa época ainda marcada por grandes desigualdades de gênero (tema relevante e que tem grande destaque nos debates atuais) faz com que Macabéa tenha papel de subalternidade em relação ao homem.

Para que se tenha consciência da posição e na “mulher Macabéa” na obra clariceana, é preciso tomar como contraponto Olímpico de Jesus, seu namorado. Apesar da sua identidade regional também ser nordestina, Olímpico sentia-se empoderado pela sua masculinidade. Era um ser determinado, viril, “cabramacho” que pensava grande, sonhava em ser deputado, por exemplo.

Por outro lado, Macabéa era um sujeito sem perspectiva de vida, convencida de que seu único papel era servir. Nota-se, então, que os dois, mesmo sendo nordestinos (identidade regional), são representados, na obra, de formas diferentes, devido, principalmente, a questão de gênero.

A identidade feminina contribui para o emudecimento da retirante. A protagonista não fala por si só, tem dificuldades de se expressar. Para que seja notada, ela precisa de alguém que fale por ela. Por isso, o narrador diz: “Cuidai dela porque meu poder é só mostrá-la para que vós a reconheçais na rua, andando de leve por causa da magreza” (LISPECTOR, 1998, p. 19).

A ausência do domínio da linguagem em Macabéa acaba por limitar suas relações interpessoais, pois não compreende e é mal compreendida pelo mundo que a cerca. Esta incompetência linguística era herança de seu *modus vivendi* da infância, no interior de Alagoas, quando sua tia a trancafiava dentro de casa, não permitindo que ela estudasse, brincasse, tivesse uma vida considerada natural para uma criança.

#### 2.2.4 Estética

A questão estética também contribui para invisibilidade de Macabéa.

Ela nascera com maus antecedentes e agora parecia uma filha de não-sei-quê com ar de se desculpar por ocupar espaço. No espelho distraidamente examinou de perto as manchas no rosto. Em Alagoas chamavam-se “panos”, diziam que vinham do fígado. Disfarçava os panos com grossa camada de pó branco e se ficava meio caiada era melhor que o pardacento (LISPECTOR, 1999, p. 27).

A “beleza” é algo muito valorizado pela sociedade contemporânea, servindo como produto de compra e vende mediante a criação da imagem da mulher perfeita, explorada de forma capitalista. Logo, quem possui os atributos físicos considerados belos, na sociedade pós-moderna, são facilmente notados, sendo também, por outro lado, uma marca da exclusão social, tendo em vista que a presença da moça nordestina passa despercebida no romance clariceano, pois, segundo o próprio narrador, ela era muito feia. Portanto, a estética do feio em Macabéa é fator importante de contribuição para a sua invisibilidade.

### 2.2.5 Profissão

Embora não soubesse escrever corretamente, ou seja, não tinha completo domínio da linguagem escrita, como bem denuncia o narrador: “copiava [...] a palavra “designar” de modo como em língua falada diria: ‘desiguinar” (LISPECTOR, 1998, p.15), a profissão tornava-lhe reconhecida pelo que fazia, mesmo que mal feito. Portanto, Macabéa tinha em sua profissão mais uma marca identitária, que faz com que sua presença seja percebida socialmente, mesmo que a própria fosse reconhecidamente incompetente.

Portanto, como um indivíduo denominado por Stuart Hall (1999) de pós-moderno, Macabéa passa por mudanças em sua identidade, ou melhor, fenômenos como a migração e a globalização levou a personagem conviver no mundo bem diferente do seu, em meio a outras identidades. Falta-lhe então o domínio da linguagem, a qual é uma barreira que a impede a assunção de novas identidades. Ainda assim, percebemos que a protagonista assume a identidade de datilógrafa, apesar de ser reconhecidamente incompetente no que fazia.

## 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espero que o trabalho em questão possa ter relevância para os estudos literários, especialmente, os ligados às análises sociais, tendo em vista que a migração, a globalização e as identidades - culturais e sociais - são questões abordadas com bastante clareza no romance *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. Acredito, assim, que esta pesquisa venha a contribuir de forma satisfatória para a compreensão da realidade social do mundo pós-moderno, cujo sujeito teve sua identidade e referências fragmentadas.

Desta forma, minha análise buscou explicar que a migração sempre foi opção mais viável aos nordestinos, pois era o caminho que eles encontravam para fugir dos históricos problemas sociais das suas regiões, acarretados, principalmente, pelos longos e intensos períodos de estiagem.

Concluimos, portanto, que a experiência migratória influencia no processo de construção de identidades culturais, por meio das mudanças de hábitos,

costumes, crenças e etc. Verificamos também que há identidades desvalorizadas, e que isso leva um indivíduo ou um grupo de indivíduos a tornarem-se "invisíveis" perante a sociedade historicamente excludente. Nesse contexto, a globalização contribuiu para a intensificação do choque de culturas, colaborando para o deslocamento das identidades culturais, determinando as novas formas de relações interpessoais.

Nesse sentido, analisamos a personagem Macabéa, tomando-a como uma personificação do migrante nordestino, o qual, muitas vezes, é forçado a sair de suas terras para grandes centros urbanos à procura de melhores condições de vida, embora não sejam fáceis os desafios encontrados na cidade grande e nesses desafios são marcantes os aspectos identitários que a personagem carrega, tais como: linguagem, regionalidade, gênero, entre outras.

Esses aspectos contribuem para sua invisibilidade social, uma vez que o choque cultural, causado, principalmente, pela migração e a globalização, é fator determinante no que se refere ao enfraquecimento de determinadas identidades culturais. Nessa perspectiva considere relevante o domínio da linguagem para o processo de afirmação de identidades

### **A HORA DA ESTRELA: ASPECTOS IDENTITÁRIOS DA PERSONAGEM MACABÉA**

#### **ABSTRACT**

This article presents an analysis of sociocultural identities in postmodernity, but specifically those of the Northeastern migrant present in Clarice Lispector's "The Hour of the Star", published in 1977. As a result, we will read the social relations established by the main character. To do so, we take into account the phenomena of migration, globalization, concepts of identity and language. Our objective is to analyze how the socio-cultural identities of the Macabéa character in Clarice Lispector's "The Hour of the Star" are presented, taking into account the domain of language as an assumption of socially "invisible" identities. This work is, therefore, an analytical-interpretative study of the literary work whose research is of a bibliographical character; (1999), Santos (1994), Bakhtin (2006), and Lopes (2003) among others that contributed to support this work. We therefore find that the domain of language is important for the assumption of identities that were socially "invisible"



**Keywords:** Migration. Identity. Language. interaction. social inequality.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Inesita Soares de. **Contextos, mediações e produções de sentidos**. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, Rio de Janeiro, v.3, n. 3, p.42-50, set. 2009. Disponível em <<http://www.reciis.cict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/280/324>> Acesso em: 15 /Nov/ 2018.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília, 1997.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HOLANDA, Aurélio Buarque Ferreira de. **Novo dicionário eletrônico Aurélio**. Versão 6.0. Curitiba: Positivo, 2009.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro; Rocco, 1998. 1º edição.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. **Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais**. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita (Org.). **Discursos de identidade: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

PATARRA, Neide. *Tendências e Modalidades Recentes das Migrações Internas e Distribuição Populacional no Brasil: um olhar para o nordeste*. Disponível em: [http://www.fgf.org.br/centrodedocumentacao/publicacoes/qsqsne/05\\_NeidePatarrara.pdf](http://www.fgf.org.br/centrodedocumentacao/publicacoes/qsqsne/05_NeidePatarrara.pdf) Acesso em 25/out/2018.

SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.



SOUZA, Maria Ap<sup>a</sup> Alves de. **Tradução e identidade:** uma abordagem discursiva de “A hora da estrela”, de Clarice Lispector. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2011.